



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Mauro Augusto
Burkert Del Pino
Vice-Reitora: Profa. Dra. Denise
Petrucci Gigante

Pró-Reitora de Extensão e Cultura: Profa. Dra. Denise
Marcos Bussolleti
Pró-Reitor de Graduação: Prof. Dr. Alvaro Luiz Moreira
Hypolito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Luciano
Volcan Agostini
Pró-Reitor Administrativo: Antônio Carlos de Freitas Cleff
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Luiz
Osório Rocha dos Santos
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Sérgio Eloi Teixeira
Wotter
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Evaldo Tavares Kruger
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Ediane Sievers
Acunha
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr. Aulus
Mandagará Martins

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelon | Prof. Dr. Vítor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera Lucia
Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profa. Dra. Beatriz Ana Loner

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Veronica Medeiros dos Santos

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profa. Dra. Beatriz Ana Loner

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof.ª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof.ª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFP)
Prof.ª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Deti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2015/2016

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
v.21/v.22, (dez. 2015/ dez. 2016). – Pelotas:
Editora da UFPel, 2015/2016.
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center

PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

* Obra editada e publicada em dezembro de 2017

volume
21
Dez 2015
ISSN 1519-2695

volume
22
Dez 2016
ISSN 1519-2695

ICH - UFPEI

A ALVORADA
HISTORIOGRAFIA
MUSEU NACIONAL
PELOTENSE
ARQUEOLOGIA
MUSEU
MEDIEVO
DIÁRIOS
CRÔNICAS
LIVROS DIDÁTICOS
ESTADO
LAZER
FONTES HISTÓRICAS
CARTAS
JOINVILLE
INTERNET
HISTÓRIA CULTURAL
O EXEMPLO
ESCRITA
EDUCAÇÃO
NEGROS
HARTOG
SAMBAQUI
BIBLIOTECA NACIONAL
METODOLOGIA
JORNAL

História em revista
revista do núcleo de documentação histórica



ASPECTOS SOBRE O PERCURSO HISTÓRICO DO JORNAL ENQUANTO FONTE PARA A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA: O CASO DA IMPRENSA NEGRA SULINA COM BASE NO O EXEMPLO E A ALVORADA

ASPECTS OF THE HISTORY OF NEWSPAPER AS A SOURCE FOR HISTORIC
CONSTRUCTION: THE CASE OF BLACK PRESS SOUTHWARD BASED ON THE O
EXEMPLO AND *A ALVORADA*

Ângela Pereira Oliveira¹

Resumo: O artigo tem por objetivo abordar a imprensa negra focando em dois jornais do Rio Grande do Sul, *O Exemplo* e *A Alvorada*. Para isso, se retoma até a implantação da imprensa no Brasil a fim de dialogar com a real necessidade de criação de uma imprensa como alternativa de comunicação entre a população negra. Desse modo, se faz um curto e breve percurso entre a implantação da imprensa e seu uso pela historiografia. Passando, para a implantação da imprensa negra e seu uso em pesquisas. Para enfim, tratar algumas questões referentes ao *O Exemplo* e *A Alvorada* no que tange aspectos pertinentes sobre a sua implantação, seus usos pela historiografia e especificidades de abordagens.

Palavras-chaves: Imprensa negra, *O Exemplo*, *A Alvorada*.

Não é novidade apontar que a imprensa teve sua implantação de forma tardia no Brasil. Haja vista que existe uma longa historiografia que discute e aponta a respeito de seu desenvolvimento e consolidação no país². No entanto, se salienta que, oficialmente, a imprensa foi implantada “no Brasil em 1808, logo depois de chegar a Corte de D. João ao Rio de Janeiro, onde se instala a sede do Reino Português, impedido de permanecer em Lisboa em face da invasão francesa” (MELO, 2003, p.87).

Sendo assim “a história do Brasil é repleta de peculiaridades” (MARTINS e LUCA, 2008, p.07), na visão de Martins e Luca, “não é de espantar que o primeiro jornal brasileiro tivesse sido publicado em Londres” (MARTINS e LUCA, 2008, p.07). O jornal, no qual as autoras se referem, trata-se do *Correio Braziliense*. Ele foi idealizado por Hipólito da Costa e surgiu no ano de 1808. O *Correio Braziliense* era, segundo Martins e Luca, “oposicionista e crítico” e

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, bolsista CAPES. E-mail: angelapoliveira2@gmail.com

²Entre os autores que abordam os primórdios da Imprensa brasileira consultar também: BAHIA (1990); CAPELATO (1988); SODRÉ (1999); NEVES e MOREL (1998); RIZZINI (1945); MELO (1973); IPANEMA e IPANEMA (1968).

mesmo sendo feito na Inglaterra “discutia os problemas da Colônia e atravessava o Oceano Atlântico” (MARTINS e LUCA, 2008, p.07).

Retomando ao cenário brasileiro, se pode salientar que “a criação da Imprensa Régia”, foi responsável, em “médio prazo, pela impressão dos vários periódicos em terras brasileiras” (MARTINS e LUCA, 2008, p.07). Tendo se iniciado o processo de impressão de pasquins e, futuramente de jornais, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, se pode apontar que “a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas” (MARTINS e LUCA, 2008, p.08).

Sobre a transformação no cenário político brasileiro no que tange a passagem do Império para a Regência, e/ou posteriormente, do Império para a República, o autor Nelson Werneck Sodré, em *História da Imprensa no Brasil* (1999), afirma que as especificidades da imprensa não mudaram. Segundo ele, “mudou muito, entretanto, quanto ao conteúdo, quanto ao papel desempenhado” (SODRÉ, 1999, p.06).

Logo, à medida que conquistava o seu espaço nas conversas, residências e no cotidiano da elite intelectual, a imprensa passou a interferir na formação de “padrões de conduta e hábitos de comportamento e de consumo e influenciando objetivamente nas formas de agir e pensar das pessoas” (ALVES, 2001, s.n). Ela “compreendeu também que [era] possível orientar a opinião através do fluxo de notícias” (SODRÉ, 1966, p.04).

Por isso quando se trabalha com imprensa é preciso estar ciente de que ela serve também com um “instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” (CAPELATO e PRADO, 1980, p.XIX). Igualmente a Capelato e Prado (1980) também se almeja negar “aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere” (CAPELATO e PRADO, 1980, p.XIX). Tendo essa perspectiva em mente, é preciso estar atento para as interpretações e hipóteses levantadas com base na utilização de jornais como fonte.

Desta forma a imprensa pode, ou vem a se tornar, na medida em que se populariza, “um imbatível veículo de propagação de ideias, opiniões e informações” (ALVES, 2001, p.05). À vista disso que a elite buscava “o controle dos meios de difusão de ideias e de informações” (SODRÉ, 1966, p.01). Uma vez que controlando os meios de comunicação, controlava o que as pessoas pensavam e também o que tomavam conhecimento.

Nesse sentido cabe lembrar que “o texto é uma narrativa intencional, uma produção de sentido, não um conjunto de verdades” (OLIVEIRA, 2011, p.127). E por esse motivo sempre que se lê um texto produzido para o jornal é preciso levar em conta a intencionalidade de quem está por traz, isto é, quem escreve e para quem escreve.

A imprensa juntamente com as elites intelectuais, foi bastante influenciada por um conjunto de ideias em vigor no período, como as teorias raciais, o liberalismo e o positivismo, além de se situarem como veículos divulgadores de normas e comportamentos para as camadas letradas e não letradas. “A imprensa não se limitava a noticiar; fazia parte da construção do próprio acontecimento” (MACHADO, 2006, p.151). Por isso se pode inferir que a imprensa se tornou “uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações” (SODRÉ, 1999, p.01).

Assim sendo por muito tempo o uso do jornal como fonte para a escrita da história foi relegado a um segundo plano pela historiografia. Isso se deve a forte influência da perspectiva historiográfica que buscava um compromisso com a verdade. Logo, “os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado” (LUCA, 2006, p.112).

Nesse sentido, o uso do jornal como “fonte para o conhecimento da história do Brasil” tem nos anos 1970, um pequeno número de trabalhos (LUCA, 2006, p.111). Havia diversos escritos sobre a história da imprensa, ou dos periódicos, mas não propriamente com o seu uso enquanto fonte, o que se chama de uma história por meio dos periódicos. Hoje a produção historiográfica com esse tipo de fonte é bastante comum na academia e isso se deve as grandes probabilidades de pesquisas que essa fonte apresenta.

O jornal, como afirma Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre as sociedades, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas (CAPELATO, 1988, p.21).

Dito isso a respeito da defesa do uso do jornal enquanto fonte é preciso lembrar que a imprensa não é composta por um conjunto homogêneo. Neste caso específico em que se aborda a imprensa escrita, os periódicos podem ser divididos também em, por exemplo, imprensa brasileira, imprensa militante, imprensa integralista, imprensa negra, imprensa abolicionista, imprensa ilustrada, imprensa feminina, imprensa operária, entre outras. Tendo essas divisões uma conexão com “questões relativas a autoria, ao público e aos objetivos” (PINTO, 2010, p.19).

Sobre a imprensa operária³ se destaca que ela “teve um desenvolvimento bastante acelerado. Entre o último quartel do século XIX e as duas primeiras décadas do XX, surgiram trezentos e quarenta e três títulos espalhados por todo o território brasileiro” (OLIVEIRA, 2011, p.141). Desta forma, a imprensa atuou e ainda atua como “uma fonte privilegiada para a história do movimento operário” (LUCA, 2006, p.119).

Faz-se referência a esta fonte, pois, é através dela que muitos negros vão passar a integrar esse mundo da imprensa. No entanto, ela “não demonstrava vontade política para discutir e divulgar as questões relativas aos homens de cor” (SANTOS, 2006, p.26). E, “a imprensa negra, de certa forma, se espelhou na atuação da imprensa operária” (CARVALHO, 2009, p.129).

Uma das primeiras obras, no Brasil, que estudou o negro, utilizando-se dos jornais como fonte, é a de Gilberto Freyre, *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX* (1963). O autor foi pioneiro na utilização da imprensa como fonte. Até o momento a imprensa era “relegada a um plano secundário”. Depois de seu estudo Freyre (1963) acabou “indicando o caminho para outros historiadores que o seguiram, sob perspectivas distintas” (MACHADO, 2006, p.143).

Através de anúncios de jornais comerciais Freyre (1963) conseguiu mostrar as péssimas condições de saúde, o excesso de trabalho e os maus tratos a que estavam condicionados estes indivíduos. A respeito desse tipo de fonte se destaca que:

Inquestionavelmente os jornais tiveram um papel importante na veiculação de matérias que retratavam a sociedade escravista, como se pode atestar pelos diversos estudos que usaram a imprensa como fonte principal para a análise do cativo. Eles tiveram o mérito de revelar, por meio de vertentes teórico-metodológicas diferenciadas, alguns aspectos da realidade (MACHADO, 2006, p.143).

Domingues (2007) aponta, com base em José Correia Leite, sobre a “necessidade de uma imprensa alternativa” que transmitisse “informações que não se obtinha em outra parte” (DOMINGUES, 2007, p.104). No que se refere à abordagem do negro se infere que:

A historiografia brasileira registra inúmeros trabalhos de jornalistas e publicistas do século XIX, que levantaram questões e debates sobre a situação do negro no Brasil. Entre eles Machado de Assis, Luiz Gama, José do Patrocínio e o jurista baiano Antonio Pereira Rebouças. Além do caráter político e literário, foram manifestações sobre experiência, luta e resistência de grupos que representavam interesses da população negra. Uma dessas formas de manifestações se

³ Ver também: FERREIRA (1988).

concretizou no aparecimento de pasquins e jornais direcionados a esse grupo, conhecidos no seu conjunto por imprensa negra (CARVALHO, 2009, p.66).

Dentro do contexto de invisibilidade a que eram relegados os negros nos meios de comunicação brasileiros começa a circular a chamada imprensa negra. Para o pesquisador Petrônio Domingues (2008) “a imprensa negra foi durante um bom tempo desconhecida no mundo acadêmico, como se fosse algo menor e sem importância cultural” (DOMINGUES, 2008, p.22). Segundo ele, “tanto Nelson Werneck Sodré, em *História da imprensa no Brasil* (1966), quanto Paulo Duarte, em *História da imprensa em São Paulo* (1972), por exemplo, não fazem uma única alusão à produção jornalística específica da comunidade negra” (DOMINGUES, 2008, p.22). Ou seja, a imprensa negra de grande atuação no país, desde o século XIX, não foi sequer citada.

A imprensa negra surgiu no Brasil durante o século XIX, mas é somente no século XX que ela vai alcançar o seu auge. Na há de fato um consenso sobre a sua origem. Mesmo assim, é muito aceito entre os pesquisadores que o início de sua circulação se deu no período colonial. Sendo, então, pioneiro o tipógrafo negro Francisco de Paula Brito.

Paula Brito fundou *O Homem de Cor* (1833), no Rio de Janeiro, que passou a denominar-se *O Mulato*, em seu “terceiro número” (SANTOS, 2011, p.151). A este sujeito é atribuído o início do que mais tarde passou a ser denominado de Imprensa negra, até que, novas fontes possam demonstrar que houve anteriores a ele.

Como foco, *O homem de Cor* (1833) buscava denunciar o aumento da população negra livre, no Rio de Janeiro e, a criação de mecanismos para que os negros não chegassem a altos postos sociais. A população negra liberta vinha aumentando cada vez mais. No entanto, ainda existiam muitas continuidades no tratamento desses indivíduos no que se refere à falta de direitos. Já o jornal *O Mulato* (1833) vai buscar defender o reconhecimento da cidadania da população afro-brasileira em tempos de escravização.

Haja vista, o choque de interesses entre as ideias apresentadas por estes jornais e os ideais políticos do momento, atrelado a uma falta de capital para investimento, esse periódico não durou muito tempo. A imprensa negra, de forma geral, é marcada pela curta duração de seus exemplares. A respeito da existência frágil desses jornais Bastide (1983) argumenta que o motivo não se tratava de “oposição entre a opinião do jornal e a opinião da massa”. Ele atribui a isso, o fato de se “dirigem a uma classe pobre, que não pode sustentá-los financeiramente” (BASTIDE, 1983, p.129).

Porém, é preciso levar em conta que alguns negros antes desse período já tinham se relacionado de alguma forma com a imprensa ou se utilizado dela para seu proveito. Por exemplo, no ano de 1798, pessoas negras de Salvador que “compuseram a organização da Revolta de Búzios ou Revolução dos Alfaiates⁴⁷”, utilizariam “uma versão primária do contemporâneo jornal mural” (PINTO, 2006, p.21). Isto é, colariam em pontos estratégicos da cidade seus manifestos e boletins. Também se pode mencionar o jornal *O Babiano* (1828-1831), de Antonio Pereira Rebouças, que seria “mais uma possibilidade individual e indireta de resistência ao “preconceito de cor”, do que um enfrentamento direto e/ou coletivizado” (PINTO, 2006, p.23).

De fato, o intelectual negro brasileiro forjou e vulgarizou, desde a campanha abolicionista, uma visão positiva da contribuição dos africanos para a construção nacional e para a constituição moral do nosso povo. Tal visão conviveu por várias décadas com uma atitude integracionista politicamente passiva, com a qual os mulatos e negros procuravam demonstrar que a cor era a única diferença entre eles e a elite branca, sem qualquer implicação moral ou cultural. (GUIMARÃES, 2012, p.83)

Tendo iniciado, ou não, no Rio de Janeiro, não custou para que ela passasse a ser produzida em outras cidades e regiões do país, principalmente, onde a presença negra era significativa em termos numéricos. Ao que tudo indica esses jornais do Rio de Janeiro “foram fundados por “mulatos livres” na ordem escravista que levantaram a bandeira da discriminação racial para defender os seus próprios direitos, fosse por convicção, oportunismo ou interesse político-partidário” (SANTOS, 2011, p.150).

A respeito da imprensa negra Bastide (1983) relata que “nasceu do sentimento de que o preto não é tratado em pé de igualdade com o branco; sua primeira tarefa será, pois, ser um órgão de protesto” (1983, p.134). Ainda, informa Domingues (2007) se tratar de “jornais publicados por negros e elaborados para tratar de suas questões” (DOMINGUES, 2007, p.104).

Nesse mesmo viés se salienta que um ponto em comum entre os jornais classificados como pertencentes ao que se denomina de imprensa negra seriam as “reivindicações da população negra e ser produzida por pessoas que se identificam com esse meio” (SANTOS, 2011, p.90). Para Santos (2009) essa imprensa tinha “a intenção de criar espaços de comunicação, informações, educação” (SANTOS, 2009, p. 84). Logo, o que caracteriza essa imprensa é o seu esforço coletivo para a produção de conhecimento, questionamento e reivindicação ante a marginalização social, combate ao racismo e fortalecimento

⁴ Para saber mais sobre o assunto ver: RODRIGUES (2003).

das comunidades negras.

Além disso, esses periódicos “tornaram-se uma imprensa alternativa aos jornais de grande circulação, uma vez que os negros não se viam representados nas suas páginas” (SANTOS, 2011, p.157). Dessa forma, os redatores desses periódicos procuravam “encaminhar uma luta comum em prol da educação e da superação dos complexos e estereótipos que os inferiorizavam na busca da mobilidade social” (SANTOS, 2011, p.157).

Essa imprensa também foi, na visão de Bastide, “um instrumento do puritanismo negro”, uma vez que buscava comportamentos mais que exemplares da população negra. Entre eles: não ingerir bebida alcoólica, não jogar, drogar-se ou frequentar ambientes da malandragem, “ser católico, honrado, regrado e cumpridor de seus deveres” (DOMINGUES, 2002, p.577). Também se “condenava a boêmia, a prostituição, as religiões de matriz africana, a prática da capoeira, o samba” (DOMINGUES, 2002, p.577). Por exemplo, para o caso do Rio Grande do Sul, é possível notar dentro dos jornais *A Alvorada* e *O Exemplo*, de Pelotas e Porto Alegre, respectivamente, diversas colunas de fofocas que fazem o policiamento moral do comportamento do negro na vida em sociedade e na vida cotidiana.

Ademais, “a ideia central que definiu a imprensa negra foi a capacidade dos redatores em tornar os periódicos os principais meios de comunicação e protesto em defesa dos negros” (SANTOS, 2011, p.86). Dentre as discussões a que eles se propunham estavam “questões como a necessidade de leis trabalhistas, aumento dos aluguéis e dos alimentos, política nacional, temas que diziam respeito a toda sociedade, indiscriminadamente” (SANTOS, 2009, p. 85). Além de uma abordagem mais geral, também dialogavam com sua comunidade local, mencionando questões relacionadas ao preconceito existente na região, por exemplo, além de dialogar com outras cidades e outros jornais.

O primeiro pesquisador que no Brasil trabalhou com a imprensa negra enquanto fonte de pesquisa foi o estrangeiro Roger Bastide. Ele publicou *A imprensa negra do Estado de São Paulo* (1951) “sob o pressuposto de que os jornais representariam as aspirações e os sentimentos coletivos que dariam condições para “discernir a mentalidade de uma raça”” (SANTOS, 2011, p.144).

Sobre Bastide se aponta que tirou “os jornais negros paulistas do anonimato; trouxe-os para o conhecimento público e dos acadêmicos e deu-lhes o estatuto de documento histórico” (SANTOS, 2011, p.83). Foi também o referido pesquisador quem introduziu o “termo “imprensa negra” no Brasil”, fortemente influenciado por uma literatura norte-americana (SANTOS, 2011, p.149).

No entanto, é preciso levar em conta que Roger Bastide “teve um deslize hermenêutico ao deixar de reconhecer os negros como sujeitos da sua própria história” (SANTOS, 2011, p.147). E, reproduzir alguns estereótipos que lhes foram atribuídos no período. Ainda assim, a importância desse pesquisador não pode ser desconsiderada. Outro estudo importante sobre a imprensa negra foi o realizado pela socióloga Miriam Nicolau Ferrara, no ano de 1981, que em sua tese apresentou *A imprensa negra paulista 1915-1963*.

Tanto Ferrara (1981) quanto Bastide (1951) estabelecem o marco fundador da Imprensa negra paulista com o lançamento do jornal *O Menelick*, no ano de 1915. Para Ferrara, a imprensa negra foi responsável pela formação da ideologia de um grupo específico, ou seja, foi através dela “que o afro-brasileiro desenvolveu “uma consciência e solidariedade étnicas”, que o “grupo negro” se organizou para “preservar ou manter suas características frente à dominação social, política e econômica” (FERRARA, 1986, p.25 apud DOMIGUES, 2008, p.21).

Para o caso do Rio Grande do Sul, o primeiro pesquisador a mencionar a imprensa negra do Estado e usá-la como fonte⁵, foi o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, em sua tese de doutorado, intitulada de *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*, de 1977. Aqui, “essa imprensa assumiu caráter diferenciado do restante do país, uma vez que houve casos de longevidade na proposta” (SANTOS, 2009, p. 85) da imprensa negra sulina.

O jornal *O Exemplo*, “primeiro título da imprensa negra gaúcha” (PINTO, 2010, p.138), que era editado na cidade de Porto Alegre, conseguiu manter-se do ano de 1892 até o ano de 1930. Tendo passado por diversas interrupções ao longo desses anos, sua circulação não se deu constantemente. O mesmo ocorre com o jornal *A Alvorada*, de 1907-1965, editado na cidade de Pelotas, ao sul do Estado. Esse tem a especificidade de ter durado quase 58 anos mesmo com interrupções. Por isso é apontado como sendo o mais longo periódico negro que circulou na América Latina. Sua circulação com interrupções não afeta a sua longevidade.

O longo período temporal pelo qual circulou a imprensa negra sulina proporciona o levantamento de algumas hipóteses a respeito da necessidade de sua longa duração. Por exemplo, se pode referir que a imprensa rio-grandense fortemente influenciada, como referido outrora, pelo liberalismo, positivismo e pelas teorias raciais invisibilizava as questões referentes aos negros ao longo das páginas da imprensa de circulação diária. Desse modo não deixava espaço nesta para que eles imprimissem suas reivindicações. Também se pode apontar o Rio

⁵ Para saber mais ver SANTOS (2011).

Grande do Sul como apresentando uma quantidade expressiva de negros na classe média, que formavam uma intelectualidade. E, mais que isso, mesmo ascendendo socialmente não deixaram de importar-se com as condições de vida das camadas mais populares. E, por esse motivo há diversos periódicos editados por negros ao longo da História do Rio Grande do Sul.

As condições sociais a que estavam condicionados muitos negros no Estado acabava por gerar a necessidade de um espaço alternativo, a fim de fazer frente ao “preconceito de cor” que por eles era enfrentado. Esse preconceito, somado a outros, acabava por limitar as oportunidades de ascensão social desses sujeitos. Esse último ponto incomodava bastante aos negros e é perceptível dentro dos textos expostos nos jornais negros.

A respeito do jornal *O Exemplo* se sabe que ele foi fundado por um grupo de afrodescendentes, composto “por Arthur de Andrade, Marcílio Freitas, Aurélio Bittencourt Júnior, Sérgio Bittencourt, Alfredo de Souza e Esperidião Calisto, em cuja barbearia, situada na Rua dos Andradas, o grupo costumava reunir-se” (ZUBARAN, 2008, p.166). A cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, cedia no ano de 1892, o nascimento de *O Exemplo*. Segundo consta na dissertação de Ana Flávia Magalhães Pinto, cerca de 30% da população porto-alegrense era composta por “pretos, mestiços e caboclos”⁶ (PINTO, 2010, p.137).

O Exemplo foi mais curto que o *A Ahorada*, mas mesmo assim conseguiu se manter por 37 anos. Os dois jornais circulavam semanalmente e, não se limitavam a cidade na qual eram editados, circulando por toda a região de sua abrangência e alcançando ainda mais leitores interessados nas suas discussões.

Segundo consta no jornal *O Exemplo*, desde o seu primeiro número, vai apresentar-se “como porta voz dos “homens de cor” e implicitamente manifestava-se contra o racismo “científico”, em voga entre as elites republicanas e contra as hierarquias baseadas na cor da pele” (ZUBARAN, 2008, p.167). Acredita-se do mesmo modo que defende Zubaran (2008), que este jornal se trata de “um testemunho de inestimável valor histórico e cultural para a interpretação da memória das populações afrodescendentes no pós-abolição” (ZUBARAN, 2008, p.166).

⁶ É preciso tomar bastante cuidado quando se trabalha com as classificações por cor da pele, a fim de não incorrer em erros. Uma vez que o uso de termos, tais como, “mestiço” e “caboclo”, era feita a pessoas que possuíam a cor da pele mais escurada, o que não necessariamente a vincula a um ancestral africano. Sem mencionar que muitos indígenas também vão ser classificados com estas nomenclaturas.

O *Exemplo* trabalhava na “construção de um panteão de ilustres afro-brasileiros” (ZUBARAN, 2008, p.172). Pois, essa seria uma forma encontrada para construir uma identidade coletiva no contexto do pós-abolição. Desse modo, buscavam a “modelos de negros com os quais a comunidade negra poderia identificar-se” (ZUBARAN, 2008, p.172). Provavelmente, o nome escolhido para o jornal provenha dessa relação. Uma vez que “O *Exemplo* construía modelos de conduta que serviriam de referência para a comunidade negra” (ZUBARAN, 2008, p.177).

No que se refere ao jornal *A Alvorada* se destaca que sua fundação, no ano de 1907, se deu por trabalhadores negros da cidade de Pelotas. “Dentre seus redatores e articulistas encontravam-se os irmãos Juvenal e Durval Penny, Rodolpho Xavier e Antonio Baobad, Armando Vargas, Carlos Torres, Dario Nunes, Humberto de Freitas, Ivo Porto e Miguel Barros” (SILVA, 2011, p.138).

O *A Alvorada* fazia parte de uma experiência associativa que a etnia negra desenvolveu na cidade, entre, por exemplo, os articulistas do jornal, membros dos clubes sociais e militantes da Frente Negra Pelotense. O semanário era “também considerado órgão representante da Frente Negra Pelotense” (SCHVAMBACH, 2010, p.87). Além do mais “tinha como objetivo contemplar em suas páginas a população negra e operária da região, divulgando em suas páginas os eventos desta comunidade” (MESQUITA e SCHIAVON, 2013, p.289).

No que se refere aos assuntos abordados se destaca que “nos artigos evidenciam a procura e defesa de uma identidade racial positiva para si” (SILVA, 2011, p.136). Sobre o *A Alvorada* se aponta que “além de um órgão de caráter político foi significativa também para a afirmação da autoestima da etnia, pois neste jornal eles eram representados através de fotos, homenagens, tributos, o que não acontecia nos demais jornais diários” (TAVARES, 2007, p.07-08).

O jornal também continha “poesia, teatro, música, conselhos e fofocas que tinham o objetivo de indicar regras morais e de comportamento para os leitores, bem como juízos afirmativos de uma identidade negra” (SANTOS, 2009, p.184). O *A Alvorada* “se apoiava no disciplinamento moral da etnia, também se pronunciava contra as propostas de “embranquecimento” (LONER, 2005, p.07).

A comercialização deste semanário, como outrora citado, também se dava em outras cidades da metade sul do Estado do Rio Grande do Sul como o próprio semanário expunha em suas páginas. Entre as outras localidades em que ele circulou além da sua origem, Pelotas, estavam, por exemplo, Jaguarão, Pedras Altas, Cachimbinhas (atual Pinheiro Machado), Rio Grande, e Bagé.

Correspondentes viajavam para estas cidades a fim de retornarem com novas notícias.

Dito isso, se aponta que esses periódicos vêm sendo muito utilizados pelo mundo acadêmico. Depois dos jornais conquistarem a sua legitimidade e aceitação entre os pesquisadores foi a vez de a imprensa negra passar pelo mesmo processo e tornar-se uma tão utilizada fonte de pesquisa. A fim de conhecer um pouco mais sobre *O Exemplo*, é possível consultar algumas pesquisas. Entre elas a de Ana Flávia M. Pinto, que deu origem ao livro *Imprensa Negra no Brasil do século XIX* (2010). No quarto capítulo de seu livro, intitulado de *Negras lições que não podem passar em branco*, a autora relata sobre o surgimento do *O Exemplo*, as suas fases e ainda dialoga com a questão da educação abordada pelo jornal. Brevemente também discute alguns pontos sobre a data do treze de maio.

Outra autora que se aprofunda ainda mais nos debates promovidos em torno das significações do treze de maio, propostos pelo jornal *O Exemplo*, é Maria Angélica Zubarán, em seu artigo *Comemorações da liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas* (2008), a autora além de demonstrar a visão que o jornal defende, ainda, mantém um diálogo corriqueiro com a fonte possibilitando ao leitor um contato direto com o material.

Já José Antônio dos Santos, em sua tese de doutorado, *Prisioneiros da história – trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional* (2011), aborda no capítulo três, muitas informações sobre a imprensa negra gaúcha, dialogando constantemente com *O Exemplo* além de tratar de alguns de seus intelectuais. E, mais recentemente, no quarto capítulo de sua tese, *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição (1884-1918)*, Marcus Rosa (2014) ao tratar do racismo no pós-abolição também apresenta de forma articulada outras colocações sobre este periódico.

Para *A Alvorada* é possível encontrar, principalmente, monografias que o utilizam como fonte. Haja vista que parte dos jornais encontram-se no acervo da Biblioteca Pública da cidade de Pelotas. Logo, a sua consulta acaba se tornando acessível aos pesquisadores locais. Entre os trabalhos que utilizam o jornal *A Alvorada*, se destaca o de Lúcio Alves (2005), *Rodolpho Xavier: uma intelectualidade na Organização Sindical e na luta dos negros em Pelotas (1931-1935)*. Esse trabalho aborda de maneira breve, por se tratar de uma monografia, um dos principais articulistas do *A Alvorada*. Sendo que a leitura do seu trabalho possibilita entender um pouco sobre o modo de pensar de Rodolpho Xavier levantando ao entendimento de sua escrita no jornal.

A fim de conhecer ainda mais sobre esse periódico a consulta de *Raiou*



A Alvorada: intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1953), de José Antônio dos Santos (2003) é uma ótima referência. O autor consegue oferecer um panorama do jornal, principalmente no segundo capítulo, no qual apresenta e trabalha de forma muito clara com o periódico. O autor possibilita a identificação de colunas, assuntos e campanhas promovidas pelo jornal. Enquanto isso Beatriz Loner e Lorena Gill ao trabalharem numa perspectiva cultural, com os clubes carnavalescos negros da cidade, acabam destacando a relação existente entre eles e o *A Alvorada* (LONER, 2005; GILL e LONER, 2006; LONER e GILL, 2009).

Há diversos trabalhos que abordam esses jornais ou que se utilizam deles como fonte. No entanto, se escolheu apenas alguns para destacar, apenas a critério de apresentação, haja vista não ser o foco da proposta apresentada. Essa afirmação pode ser verificada através dos bancos de teses e dissertações, não apenas do Estado do Rio Grande do Sul, mas de uma forma geral em todo o país.

Muitas pesquisas já foram feitas com o uso dessas fontes, nos mais diferentes vieses⁷. Ainda assim, a imprensa negra no Estado do Rio Grande do Sul continua apresentando muitas possibilidades de estudo a respeito do protagonismo do negro na história sulina. Sem mencionar que é uma preciosa fonte que possibilita entender muitas questões sociais a que estavam condicionados estes sujeitos. Os usos que as pesquisas acadêmicas fizeram da imprensa negra, “no sentido de afirmar a capacidade intelectual e organizativa dos negros, comprovaram a legitimidade desses jornais como fonte de pesquisa” (SANTOS, 2011, p.158).

Referências

ALVES, Francisco das Neves (org.). **Imprensa & história no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001. Coleção Pensar a história sul-rio-grandense. Vol.06.

ALVES, Lucio Xavier. **Rodolfo Xavier: uma intelectualidade na organização sindical e na luta dos negros em Pelotas (1931-1935)**. Pelotas:

⁷ A imprensa negra se desenvolveu em muitas cidades do país. Atualmente, muitas pesquisas nos permitem conhecer um pouco mais a respeito da produção desses periódicos. No entanto, nenhuma imprensa negra foi tão trabalhada como a que circulou na cidade de São Paulo. Isso se deve em parte a expressividade de periódicos desse gênero que lá circularam. Essa imprensa tem sido utilizada em pesquisas não apenas na área de história, como também, por exemplo, nas áreas de artes, de letras e de comunicação, entre outras.

Universidade Federal de Pelotas, Monografia (Licenciatura em História), 2005.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. Vol. I – História da Imprensa Brasileira, São Paulo: Ática, 1990, 4ª ed.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra do Estado de São Paulo. **Estudos Afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, pp.129-156, 1983. Acesso em dezembro de 2013. Disponível em:

http://moodle.stoa.usp.br/file.php/1416/A_imprensa_negra_no_Estado_de_Sao_Paulo.pdf

_____. A imprensa negra do Estado de São Paulo. **Boletim de Sociologia**. n.2. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, 1951, pp.50-78.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980, p.XIX-XXII.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO, F. H. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. São Paulo: Difusão. 1977.

CARVALHO, Gilmar Luiz de. **A imprensa negra paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências**. São Paulo, 2009. Mestrado em História Econômica - Universidade de São Paulo.

DOMINGUES, Petrônio José. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

_____. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo** [online]. v.12, n.23, pp.100-122, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf> acesso em março de 2013.

_____. Negros de Almas Brancas? A Ideologia do Branqueamento no Interior da Comunidade Negra em São Paulo, 1915-1930. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 24, nº 3, 2002, pp. 563-599. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n3/a06v24n3> acesso em junho de 2015.

FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista 1915-1963**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1981.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo:

Editora Ática, 1988.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Global Editora, 1963.

GILL, Lorena Almeida; LONER, Beatriz Ana. Mulher, Carnaval e etnia negra em Pelotas: muito além do samba. Comunicação apresentada no **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7** – UFSC, 2006, SC. Acesso em junho de 2015. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/G/Gill-Loner_18.pdf

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. São Paulo: Cortez, 2012. Coleção Preconceitos, v.6. 2 ed.144p.

IPANEMA, Marcelo de; IPANEMA, Cybelle de. Estabelecimento da tipografia e origens do jornalismo no Brasil. **Revista Brasileira de Comunicação**. Brasília: 1968.

LONER, Beatriz Ana. Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes negros. Comunicação apresentada no **XXIII Simpósio Nacional de História** – ANPUH, julho 2005, Londrina. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/?p=15315> acesso em março de 2015.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2009

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **Traços da política: representações do mundo político na imprensa ilustrada e humorística pelotense do século XIX**. Porto Alegre, 2006. Mestrado em História – UFRGS.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. 2ed.

MACHADO, Humberto Fernandes. Imprensa e identidade do ex-escravo no contexto pós-Abolição. In: NEVES, Lúcia Maria (et. al.). **História e imprensa. Representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: FAPERJ/DP&A, 2006, p.142-152.

MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de (orgs.). Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: _____. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, José Marques de. **História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil**. Porto

Alegre: EDIPUCRS, 2003. Coleção Comunicação, 27.

_____. **Sociologia da imprensa brasileira.** A implantação. Petrópolis: Vozes, 1973.

MESQUITA, Natiele Gonçalves; SCHIAVON, Carmem G. Burgert. Movimento negro no ensino de história: o jornal A Alvorada como uma possibilidade de concretização da lei 10.639/03.2013. **Revista Latino-Americana de História.** Agosto de 2013, v.2, n.º. 6, Edição Especial, pp.286-297.

NEVES, Lúcia Maria Bastos das; MOREL, Marcos (org.). **História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos.** Anais do Colóquio. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930). **Historiæ.** Rio Grande, 2 (3): 125-142, 2011.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura a tinta fresca: a imprensa negra no século XIX.** Brasília, 2006. Dissertação [Mestrado em História] – UnB.

_____. **Imprensa Negra no Brasil do século XIX.** São Paulo: Selo Negro, 2010. Coleção Consciência em debate.

RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil.** Rio de Janeiro: Kosmos, 1945.

RODRIGUES, João Jorge Santos. O silêncio dos inocentes – 205 anos da Revolução dos Alfaiates/ Revolta dos Búzios, 1798-2003. In: ASHOKA; TAKANO (org.). **Racismos contemporâneos.** Rio de Janeiro: Ed. Takano, 20003.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. **Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição (1884-1918).** Campinas, SP, [s.n.] 2014. Tese (doutorado) – UNICAMP.

SANTOS, José Antônio dos. Intelectuais negros e imprensa no Brasil meridional. **Írohìn.** Brasília, ano XI, n.16, abril-maio de 2006.

_____. Intelectuais negros e imprensa no Rio Grande do Sul: uma contribuição ao pensamento social brasileiro. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos. **RS negro: Cartografias sobre a produção do conhecimento.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. pp.83-99. Disponível em

www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/ acesso em junho de 2013.

_____. **Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957)**. Pelotas: Ed. Universitária, 2003, v.7.

_____. Uma arqueologia dos jornais negros. **Historiæ**. Rio Grande, 2 (3): 143-160, 2011. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2615> acesso em junho de 2013.

SCHVAMBACH, Janaina. Memória visual da cidade de Pelotas nas fotografias impressas no jornal A Alvorada e no Almanaque de Pelotas (1931 – 1935). **Revista Memória em Rede**. 2010, pp.86-91. Disponível em: <http://guaiaica.ufpel.edu.br/bitstream/> acesso em abril de 2015.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)**. Porto Alegre, 2011. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-graduação em História, PUCRS.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p.01-09.

TAVARES, Viviani dos Santos. **DR. Pescadinha em cena**. Pelotas, 2007. 18 f. (Pós-graduação em História do Brasil – Universidade Federal de Pelotas). Disponível em: Núcleo de Documentação histórica (NDH-UFPel).

ZUBARAN, Maria Angélica. Comemorações da Liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas. **Anos 90**. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, v.15, n° 27, 2008, p. 161-187. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6743> acesso em abril de 2015.

Abstract: This article aims to address the black press focusing in two newspapers of Rio Grande do Sul, *O Exemplo* and *A Alvorada*. For this, it continues until the implementation of the press in Brazil in order to get acquainted with the real need to create a press as an alternative communication among the black population. Thus, it is a short, brief journey between the implementation of the press and its use by historiography. Turning to the implementation of the black press and their use in research. To finally address some issues related to *O Exemplo* and *A Alvorada* regarding relevant aspects of its implementation, its uses by historiography and specific approaches.

Key-words: Black press, *O Exemplo*, *A Alvorada*.
